

O HISTÓRICO ENCONTRO



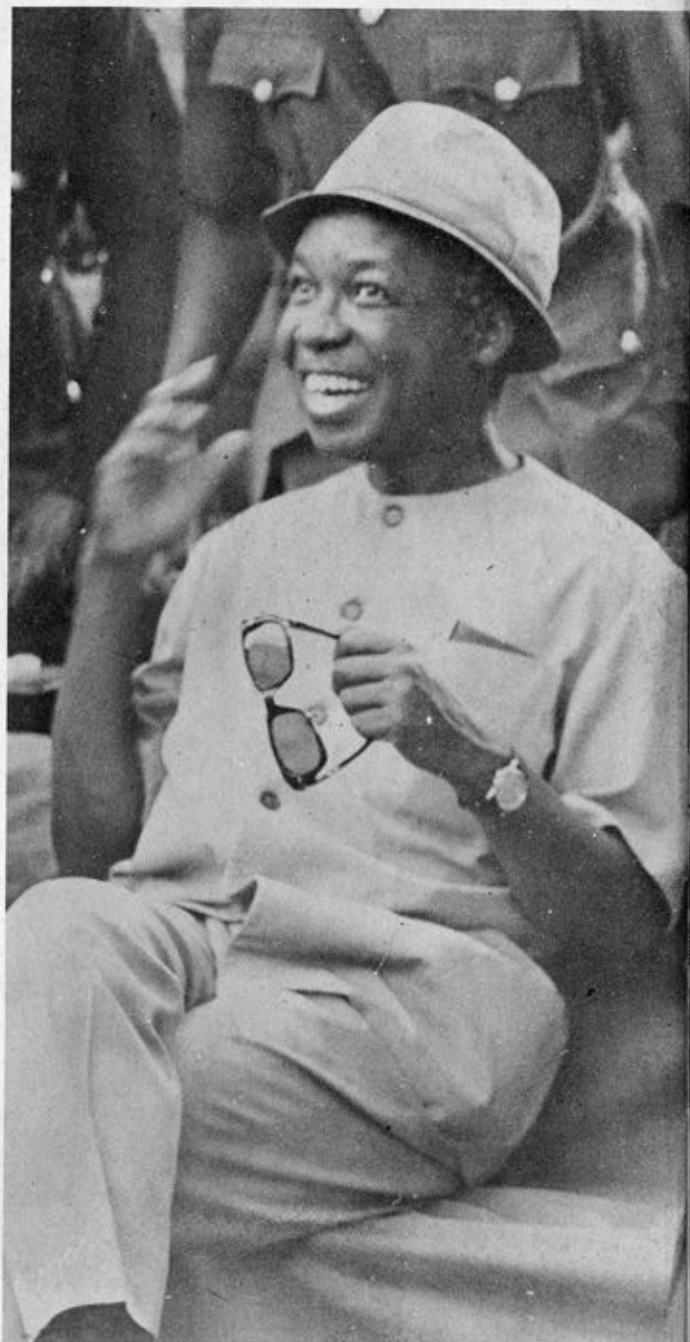
Nos dias 11 e 12 deste mês reuniram-se no centro político-militar da FRELIMO em Nachingwea, a convite do Comité Central da FRELIMO, o Presidente da UNIP e da Zâmbia, camarada Kenneth Kaunda e o Presidente da TANU e da Tanzânia, Ndugu (camarada) Julius Nyerere.

Samora Machel, Kenneth Kaunda e Julius Nyerere juntos em Nachingwea significa a Unidade de três povos, três países que desde há dez anos se encontram engajados na luta de libertação africana

«Hoje podemos escutar a rádio e ouvir os Imperialistas a gritarem que estão aqui unidos 3 grandes dirigentes africanos. Não falarão simplesmente por causa da Unidade, mas por causa da nossa linha ideológica e seus objectivos». Diria o camarada Manávi, responsável do campo, na apresentação dos convidados aos militantes e quadros da FRELIMO em Nachingwea.

Na verdade a reunião destes três dirigentes em Nachingwea significa para África, para a luta de libertação africana um passo em frente. Foi neste centro da revolução moçambicana e africana que, como viriam a dizer mais tarde, Kaunda e Nyerere, puderam aprender o exemplo único no mundo da reeducação de reaccionários, agentes do colonialismo e das forças imperialistas mundiais que defendem e apoiam a exploração do homem pelo homem.

Do histórico encontro de Nachingwea beneficiarão directamente os povos tanzaniano, zambiano e moçambicano, beneficiarão os povos que, fazendo fronteiras com estes três países, se encontram ainda amordaçados pela exploração. Beneficiará o continente africano na luta pela reconquista da sua dignidade, personalidade e valores usurpados pelo estrangeiro explorador. O centro político-militar da FRELIMO em Nachingwea terá forçosamente de constar na história da África, na história da luta dos oprimidos contra os opressores e na histórica luta anti-imperialista.



A UNIDADE DE TRÊS

TRO DE NACHINGWEA



S PARTIDOS, TRÊS POVOS, TRÊS PAÍSES

ENCONTRO EM NACHINGWEA



À DIREITA, EM CIMA:

Presidentes Kaunda, Nyerere e Samora assistindo no dia da sua chegada a Nachingwea a uma sessão cultural levada a efeito pelos quadros e militantes daquele centro político-militar da FRELIMO

EM CIMA:

Ainda no primeiro dia da sua visita a Nachingwea os Presidentes Kaunda e Nyerere, assistindo a exercícios militares no acampamento N.º 3. O exército regular da FRELIMO, como confirmariam membros das delegações da UNIP e TANU, está, bem preparado e é um exemplo de Unidade política

Discurso do Presidente Samora na apresentação dos camaradas Kaunda e Nyerere, durante uma sessão cultural em honra destes convidados levada a cabo por militantes e quadros do centro político-militar de Nachingwea:

«É um momento difícil de descrever o que vivemos hoje. Ao longo dos muitos anos de colonização em que vivemos divididos e separados fomos tratados não como homens, não como seres humanos. Mas, finalmente, formámos as nossas organizações que organizaram e conduziram os nossos povos a tomarem o poder.

Hoje podemos falar da Rodésia do Norte, do líder da Rodésia do Norte, «o terrorista dos anos 50 para cá»: porque a linha foi correcta e lutaram por uma causa justa, deixou de ser

koesia ao Norte e nasceu a Zâmbia. O líder deixou de ser «terrorista» e passou a ser Kaunda.

Ainda nos anos 50 existia o Tanganhya e existia Zanzibar. Por causa da linha correcta da TANU (a luta persistente de organizar e mobilizar o povo) o Tanganhya e Zanzibar não existem, existe agora a Tanzânia.

Quer dizer, da separação e divisão ficámos unidos e fortes.

Estão aqui hoje os três grandes dirigentes, mas não sabemos se teremos onde os colocar. No entanto, os nossos corações são grandes e o encontro de três países constitui uma força indestrutível. A nossa Unidade não é aparente porque a Tanzânia aceitou sacrifícios para a luta de Moçambique, cidadãos tanzanianos morreram na luta de libertação de África e continuam a fazer sacrifícios para a libertação africana. A Zâmbia também

está na linha da frente, muitos zambianos morreram e continuam a morrer; como sabem a Zâmbia faz fronteira com três regimes e não pode desenvolver-se suficientemente porque está engajada na luta de libertação de África, pela dignidade e personalidade africana e respeito pelo nosso continente. Por tudo isto é que a nossa Unidade é uma Unidade militante. Uma Unidade cimentada pelo sangue. Há uma fusão de sangue entre estes três povos.

Mesmo que nós, os dirigentes, não quiséssemos ser amigos, os nossos povos queriam a Unidade e teriamos forçosamente que a realizar. Os povos da Zâmbia, Tanzânia e Moçambique consideram Nachingwea o centro da liberdade africana, o centro da Revolução africana. Todos nós ao falarmos de Nachingwea ficamos inspirados, encorajados e decididos. Quer dizer, ficamos com vontade

de marchar com a Bandeira Revolucionária para libertarmos totalmente o nosso continente. Essa a razão porque estamos aqui os três juntos.

Os camaradas Kaunda e Nyerere querem ouvir o que é que vocês, quadros e militantes da FRELIMO, querem fazer pelo nosso continente porque sabem que vocês não falarão em nome de Moçambique, mas em nome dos combatentes de África, falarão em nome dos combatentes da Zâmbia e da Tanzânia. Por isso é que viemos os três a Nachingwea.»

II

No fim da manhã do dia doze e depois de os dirigentes da UNIP e TANU terem visitado todo o campo de treino político-militar, observando as actividades de produção, demonstrações de artilharia, preparação militar e policial, tiveram



uma pequena refeição no Alpendre da Unidade quase todo preparado com produtos alimentares produzidos pelas machambas onde trabalham diariamente os militantes e quadros de Nachingwea. As bebidas que acompanhavam a refeição eram produto do muito material apreendido pelos soldados da FRELIMO durante a luta armada.

A finalizar esta pequena recepção o camarada Manávi, responsável pelo campo de Nachingwea pediu que as três delegações e respectivos chefes tirassem uma fotografia junto à placa que contém o nome «Alpendre da Unidade».

No início da tarde houve um comício. Foram apresentados os reaccionários que durante a luta armada e após esta, tentaram travar o processo revolucionário moçambicano, tentaram deserditar a FRELIMO, dividi-la e servir o imperialismo de modo a que o povo moçambicano continuasse explorado e oprimido.

A Frente de Libertação de Moçambique, guia político do povo moçambicano, é o

primeiro movimento de libertação no mundo a reeducar os inimigos do povo. O seu exemplo para África, o seu exemplo para o mundo está bem testemunhado na palavra que os Presidentes Kaunda e Nyerere dirigiram no comício de Nachingwea aos militantes e quadros da FRELIMO, e está testemunhado na Organização das Nações Unidas onde, juntamente com as Forças de Libertação Nacionais do Vietname, ocupa o lugar de maior destaque porque a sua luta foi levada a cabo com a maior correcção e justiça.

III

«O INIMIGO NÃO TEM COR, O IMPERIALISMO NÃO TEM PÁTRIA... NÃO HÁ POVO EXPLORADOR.»

PRESIDENTE SAMORA NO COMÍCIO DE NACHINGWEA

«Quería dizer apenas poucas palavras. A nossa luta é uma luta política, luta política, económica, social

e cultural. Este o primeiro ponto.

A nossa luta é contra o colonialismo, o imperialismo e a exploração do homem pelo homem. Por isso, a nossa luta não é dirigida contra nenhum povo e contra nenhuma raça. Nós lutamos para nos libertarmos, para criarmos os nossos países na paz, desenvolvermos a consciência dos nossos povos na paz e fazermos o progresso na paz.

Durante a nossa luta, vários inimigos apareceram e aliaram-se com o inimigo principal. Dissemos sempre e dizemos que o inimigo não tem cor, o imperialismo não tem pátria, o capitalismo não ter cor de pele e não há povo explorador. O imperialismo não tem povo.

Queríamos apresentar os inimigos que saíram das nossas fileiras para se juntarem ao inimigo. As pessoas que nos dificultaram e fizeram atrasar a nossa luta. Fizeram morrer milhares de pessoas porque serviam o imperialismo e o colonialismo. Queremos dizer aos nossos camaradas Kaunda e Nyerere que cria-

mos em Nachingwea o homem político, em primeiro lugar, em segundo lugar o homem militar, para que possa servir sem nenhum interesse as largas massas e para que possa servir a África — em resumo, a revolução africana.

Nós em Moçambique estamos intimamente ligados com o povo da Zâmbia, com o povo da Tanzânia. Não é a geografia e as fronteiras somente que nos ligam, são os nossos objectivos comuns, os nossos princípios, é a maneira como queremos construir os nossos países, é a maneira como queremos estabelecer o poder democrático popular nos nossos países. Definimos todos os que apoiam a exploração como inimigos dos nossos objectivos.

Antes de vocês falarem (camaradas Kaunda e Nyerere) gostava de vos mostrar um batalhão de agentes responsáveis pela morte de população, responsáveis pela morte de muitos dos nossos melhores filhos, mulheres e combatentes da FRELIMO. Muitos deles venderam segredos da nos-

ENCONTRO

EM NACHINGWEA

NA PÁGINA À DIREITA:

Presidente Samora durante o comício realizado na tarde do dia 12 em Nachingwea: «Dissemos sempre e dizemos que o inimigo não tem cor, o imperialismo não tem pátria, o capitalismo não tem cor da pele e não há povo explorador»

Ao lado: Camarada Kaunda e Camarada Nyerere observando treinos militares



sa luta ao inimigo aproveitando-se do tribalismo, aproveitando-se da sua cor preta, da facilidade que tinham em conviver conosco.

Estão divididos em vários grupos: assassinos directos, quadros que se transformaram em agentes do inimigo — vendendo os mapas militares ao inimigo, vendendo as suas armas ao inimigo, vendendo planos, orientando e mostrando onde viviam as populações, por onde passavam e a que horas produziam. São inimigos de diverso tipo que aqui estão. Muitos participaram no assassinato directo de Mondlane, alguns eram comandantes da FRELIMO, outros faziam-se passar por comissários políticos da FRELIMO raptando mulheres e crianças. Outros, armados pelo inimigo matavam brancos para poderem transformar a guerra de Moçambique em guerra racial. Estão aqui agentes de todo o tipo. São muitos...

São assassinos. Soldados que desertaram da FRELIMO também estão aqui; desertaram para o inimigo depois de o terem servido estando no nosso seio. Estavam entre nós...

O DESFILE

Os que passam agora eram comandantes da FRELIMO ao nível provincial, pertenciam ao estado-maior de cada provincia — alguns comandantes de artilharia, outros de reconhecimento, outros de Distrito, outros comissários ao nível de Distrito. Eram agentes do inimigo... Uns vinham preparados pela PIDE, outros recrutados pela PIDE durante a guerra serviam o colonialismo e a exploração matando, assassinando. Por vezes perdíamos em cada

combate 6 e 8 elementos da FRELIMO porque antes de atacarmos o posto inimigo, eles já tinham avisado o exército colonial dizendo inclusivamente a força de homens que compunham o nosso ataque. Vendiam-se.

Também estão aqui soldados da Coremo. Nem sequer sabiam onde era Moçambique, viviam nas florestas em volta de Lusaka como bandos de ladrões (roubando carros, arrombando lojas, atacando os homens das farmas). Viviam nas florestas e foi o Governo da Zâmbia que os enviou para a FRELIMO aqui em Nachingwea. As suas ideias são as de bandidos e assassinos.»

Em seguida o Presidente Samora pediu que o camarada Presidente da UNIP, Kenneth Kaunda dirigisse algumas palavras aos soldados da FRELIMO em Nachingwea, às delegações da TANU e do Governo da Tanzânia bem como, ao povo de África em luta contra a exploração.

IV

DISCURSO DO PRESIDENTE KAUNDA

Camaradas,
Camarada Presidente Samora Machel,
Ndugu (Camarada) Presidente Nyerere,
Camaradas da TANU:

Em primeiro lugar e em nome da delegação da UNIP, agradecemos por nos terem convidado, agradecemos muito por nos terem ensinado tanto e queremos dizer-vos que aprendemos bastante e que estamos muito gratos por isso.

Estamos gratos ao Camarada da República Popular da China que está aqui para apoiar a FRELIMO. Apoiando a FRELIMO estão a apoiar a TANU. Apoiando a FRELIMO e a TANU estão a apoiar a UNIP.

Camaradas. Entre as muitas coisas que aqui viemos aprender, nós compreendemos a necessidade de combinar o treino militar com a revolução cultural. Vimos a necessidade de combinar o treino militar com o desenvolvimento económico. Sobretudo verificamos que nenhuma revolução pode ter sucesso sem a educação política.

Alguns minutos atrás vocês ensinaram-nos outra coisa. É um sinal de grandeza, de verdadeira grandeza, ser capaz de encontrar traidores e ensiná-los a tornarem-se seres humanos. Vocês são homens grandes, mulheres grandes. Aqueles homens e mulheres que estão ali devem sentir-se muito felizes por terem nascido em Moçambique.

Nós tivemos de aprender esta lição, triste, através da FRELIMO.

Camarada Presidente:

A linha que está a seguir com todos os militantes da FRELIMO é uma linha correcta que a África inteira deve aprender. Como diz uma das vossas palavras de ordem a vitória que vocês alcançaram não foi uma vitória apenas de Moçambique, foi uma vitória em nome de toda a África, em nome de todos os povos progressistas do mundo.

Nós temos o imperialismo a combater. Temos o capitalismo, o colonialismo, o neo colonialismo, a pobreza, a fome, a ignorância, a doença, o crime para combater. Mas, na verdade aquilo que temos de combater é a exploração do homem

pelo homem. E essa é uma grande tarefa.

Como acabou de dizer o Camarada Presidente Samora devemos combater o imperialismo, capitalismo, colonialismo, neo colonialismo, fascismo e o racismo.

A pobreza, a ignorância, a doença, a fome, a exploração do homem pelo homem. Este combate não tem fronteiras.

As forças progressistas do mundo, quer estejam na República Popular da China, quer estejam na Tanzânia, em Moçambique ou na Zâmbia, devem unir-se e lutar contra as forças do mal.

É por isso que estamos a ser apoiados pelos nossos camaradas da República Popular da China, sob a direcção do Presidente Mao. Podemos dizer aos nossos camaradas da China que o apoio que nos estão a dar não está a ser em vão, porque a TANU, a FRELIMO e a UNIP não descansarão enquanto as forças do capitalismo, imperialismo, colonialismo, neo colonialismo, racismo e do fascismo não forem totalmente derrotadas em todo o Continente de África.

Camaradas da TANU;

Camaradas da FRELIMO:

Todos nos devemos unir e trabalhar juntos para lutar contra as forças do mal.

Queria que vocês, meus irmãos e minhas irmãs, sob a direcção do Camarada Presidente Samora Machel em nome da FRELIMO, assim como os meus irmãos e irmãs da Tanzânia, sob a direcção da TANU, dirigida pelo nosso Ndugu (camarada) Nyerere, soubessem que nós estamos a apoiar-vos nesta vossa tarefa de reconstruirmos Moçambique. A UNIP, na Zâmbia, continuará a apoiar-vos até que es-



ENCONTRO

EM NACHINGWEA



EM CIMA:

Machamba Acordos de Lusaka. Na FRELIMO e porque desde o início as suas três palavras de ordem eram: Combater, Produzir e Estudar, a machamba, o de produção no campo assume papel extremamente importante na revolução. Como nos disse o responsável de Nachingwea, durante a Luta e quando havia alguma reunião importante, ou do Comité Central, ou do Comité Executivo, aqueles que estavam esgotados e cansados mudavam de tarefa para descanso produzindo, dispendendo esforço físico. Toda a zona de produção de Nachingwea mereceu da parte das delegações zambiana e tanzaniana a melhor das atenções

A DIREITA:

Presidentes assistindo a uma demonstração de artilharia do exército regular da FRELIMO

28

tenham completamente consolidados.

V

Depois do imprevisto proferido pelo Presidente da UNIP, Samora Machel prosseguiu apresentando os «grandes» reaccionários que, pertencendo em determinada fase da luta armada à FRELIMO, vieram a definir-se como agentes inimigos infiltrados, agentes conscientes ao serviço do colonialismo e do imperialismo. Estes inimigos do

povo moçambicano, tanzaniano, zambiano e africano, encontram-se em Nachingwea vivos, recebendo o tratamento diferente daquele que recebiam os presos políticos da PIDE.

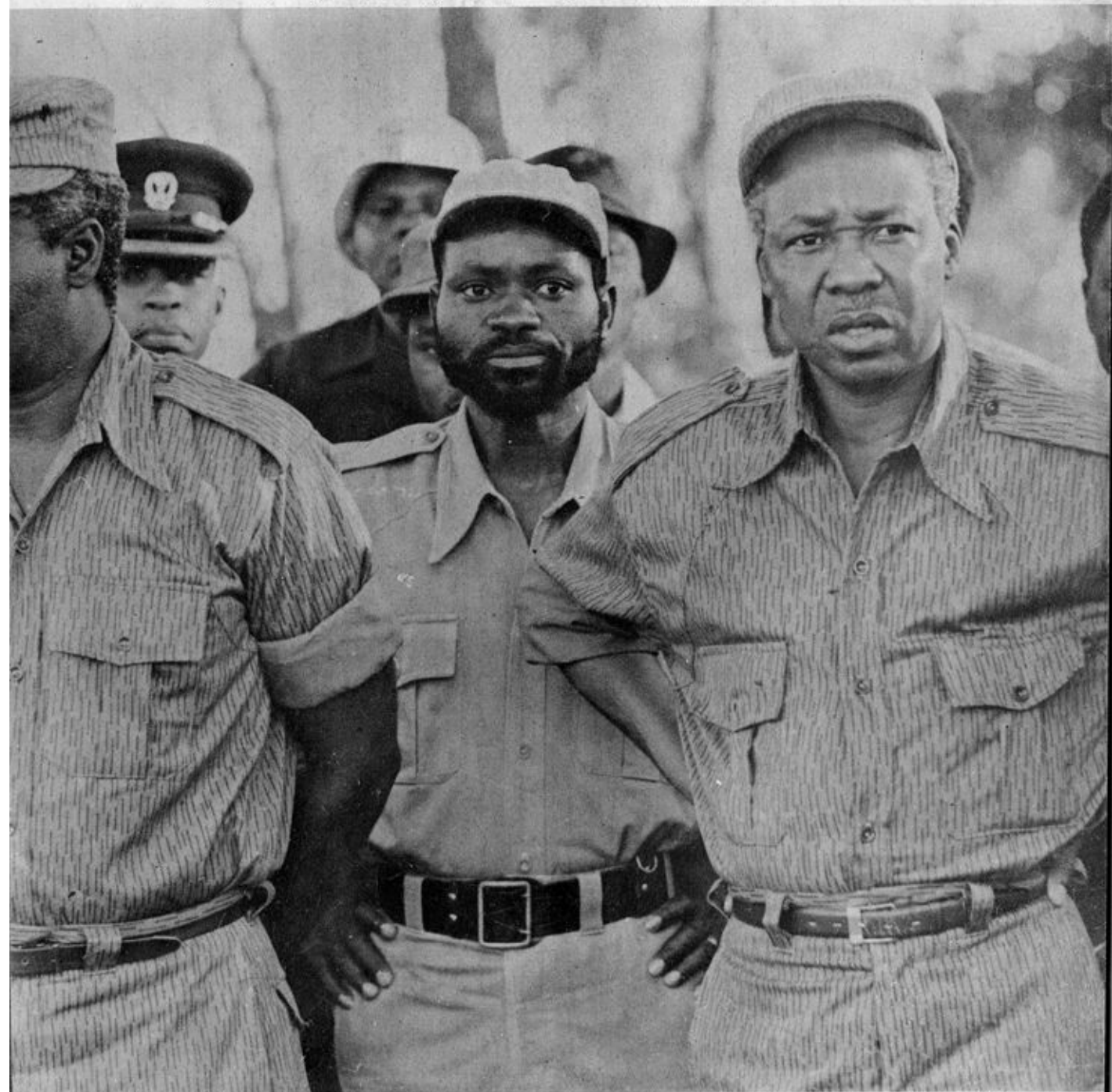
Simango, Kavandame, Gumane, Verónica, Guambe, Unhai, Banda, Joana Simão e tantos outros, não eram apenas instrumentos do colonialismo, instrumentos da exploração do homem pelo homem. Eram a certeza da perpetuação da exploração ao nosso povo, eram o obstáculo que se oporia à libertação dos nos-

sos irmãos da Namíbia, Zimbabwe e África do Sul, eram inimigos da luta de todos os povos oprimidos do mundo contra o imperialismo. Estão em Nachingwea, estão no primeiro centro da revolução africana. A morte destes capangas do imperialismo não apagaria as ideias das mentalidades exploradoras. Vivos serão uma universidade em Moçambique, que provará que a exploração não tem cor, o imperialismo não tem pátria, o colonialismo não tem raça, o capitalismo não tem povo. Serão a prova viva e

real disso, como referiu o Presidente Samora.

QUISERAM DIVIDIR A FRELIMO, A UNIP E A TANU

«Estes reaccionários em certa altura da nossa luta foram nossos aliados. Todos foram membros da FRELIMO e criaram distúrbios com a finalidade de destruir a FRELIMO. Criaram distúrbios para criarem confusão no seio dos nossos amigos, particularmente na Tanzânia e na



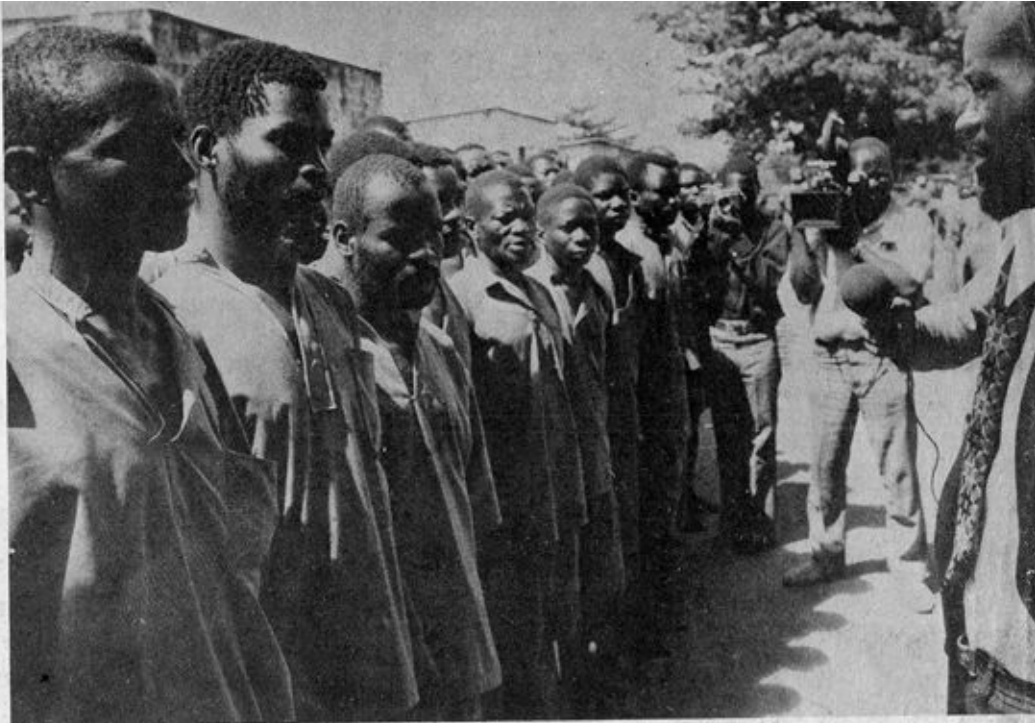
OS AGENTES DO COLONIALISMO E DO IMPERIALISMO



Os reaccionários, os grandes traidores da luta popular de libertação de Moçambique

Da esquerda para a direita: Razão, Basillius Banda, sei via os portugueses mostrando-lhes e ajudando a destruir Bases e escolas; Paulo Unhai, estudante na Chescolováquia à custa do sangue do povo de Moçambique em Luta, é um colonialista; Kavandame, ajudou o exército colonial e orientava os bombardeamentos a aldeias e Bases; Uriá Simango, grande culpado nos massacres de 7 de Setembro em L. Marques, é um traidor; Gumane, Presidente do Coremo, agência manobrada pelo imperialismo

ALISMO S M O



O Presidente Samora falando com reacconários que chegaram a pertencer às Forças Populares da FRELIMO



Zâmbia. Quiseram dividir a FRELIMO, a UNIP e a TANU, quiseram dividir a amizade dos nossos povos porque tinham ambições e muitos deles serviam o imperialismo com a capa de revolucionários; com a capa de nacionalistas e com a capa da FRELIMO tentaram destruir a FRELIMO, reforçando a força inimiga contra nós.»

URIA SIMANGO:

«Não temos coragem de matá-lo»

«Uria Simango foi Vice-Presidente da FRELIMO. Teve actividades negativas na Tanzânia que facilitaram o assassinato do camarada Eduardo Mondlane, primeiro Presidente da FRELIMO. Como Vice-Presidente tentou várias vezes dividir o Governo da Tanzânia, tentou algumas vezes retirar o apoio que nos dava a Tanzânia, a solidariedade que a FRELIMO gozava no seio da TANU e no seio do povo tanzaniano.

Expulso da Tanzânia em 1970, foi recebido no Cairo, vivendo desde sempre ligado ao inimigo com a finalidade de destruir a FRELIMO e impedir o progresso da luta de libertação em Moçambique. Depois do golpe militar de Portugal volta imediatamente para Moçambique onde criou um

partido para se opor à FRELIMO e para se opor ao poder democrático popular.

Está aqui o Presidente Kaunda, está aqui o Presidente Nyerere, as delegações da UNIP e da TANU e as dos Governos da Zâmbia e da Tanzânia, que vêm felicitar a FRELIMO por causa da grande vitória que alcançou o povo moçambicano sob a sua direcção. Vêm também manifestar a solidariedade total neste momento decisivo da nossa Reconstrução Nacional, vêm trazer a força revolucionária dos seus povos para que essa força se una à força progressista e revolucionária moçambicana.

Os camaradas Kaunda e Nyerere viram o Simango pela última vez no dia 5 de Novembro de 1969, quando este foi pedir um encontro com o Presidente Nyerere para explicar que o Samora e o Marcelino eram assassinos e bandidos. Queremos apresentar-vos o Uria Simango, que apesar de ter trabalhado com os portugueses, apesar de ter tomado o Rádio Clube de Lourenço Marques no dia 7 de Setembro e ter ajudado os portugueses a matar as populações moçambicanas...

Temos coragem para muito, mas não temos coragem de matar o criminoso Simango. Foi ele que permitiu o massacre da população em Lourenço Marques por causa da sua ambição.»

KAVANDAME:

«Ajudou a matar milhares de pessoas»

«O famoso «chairman» de Cabo Delgado. O Comité Central da FRELIMO não se podia reunir na sua ausência. A partir de 1967 trabalhou activamente com os portugueses. Logo que conseguiu o assassinato do Presidente Mondlane juntou-se aos colonialistas portugueses, seus pais espirituais na forma e no espírito, na sua maneira de colonizar e explorar. Nós prendêmo-lo quando tomámos o poder em Moçambique.

Ajudou a matar milhares e milhares de pessoas, andava nos aviões portugueses para bombardear a Tanzânia, para bombardear as nossas populações. Quando se deu o golpe em Portugal também fundou um partido para se opor à FRELIMO.»

GUMANE:

«Agente do imperialismo»

«Presidente da Coremo, agente do imperialismo para se opor à FRELIMO. Definiu há pouco o Presidente Kaunda que lutamos contra a exploração, miséria, ignorância e fome. Mas o Gumane ajudava o imperialismo. Quis-nos dividir da Zâmbia. Nas bases da FRE-

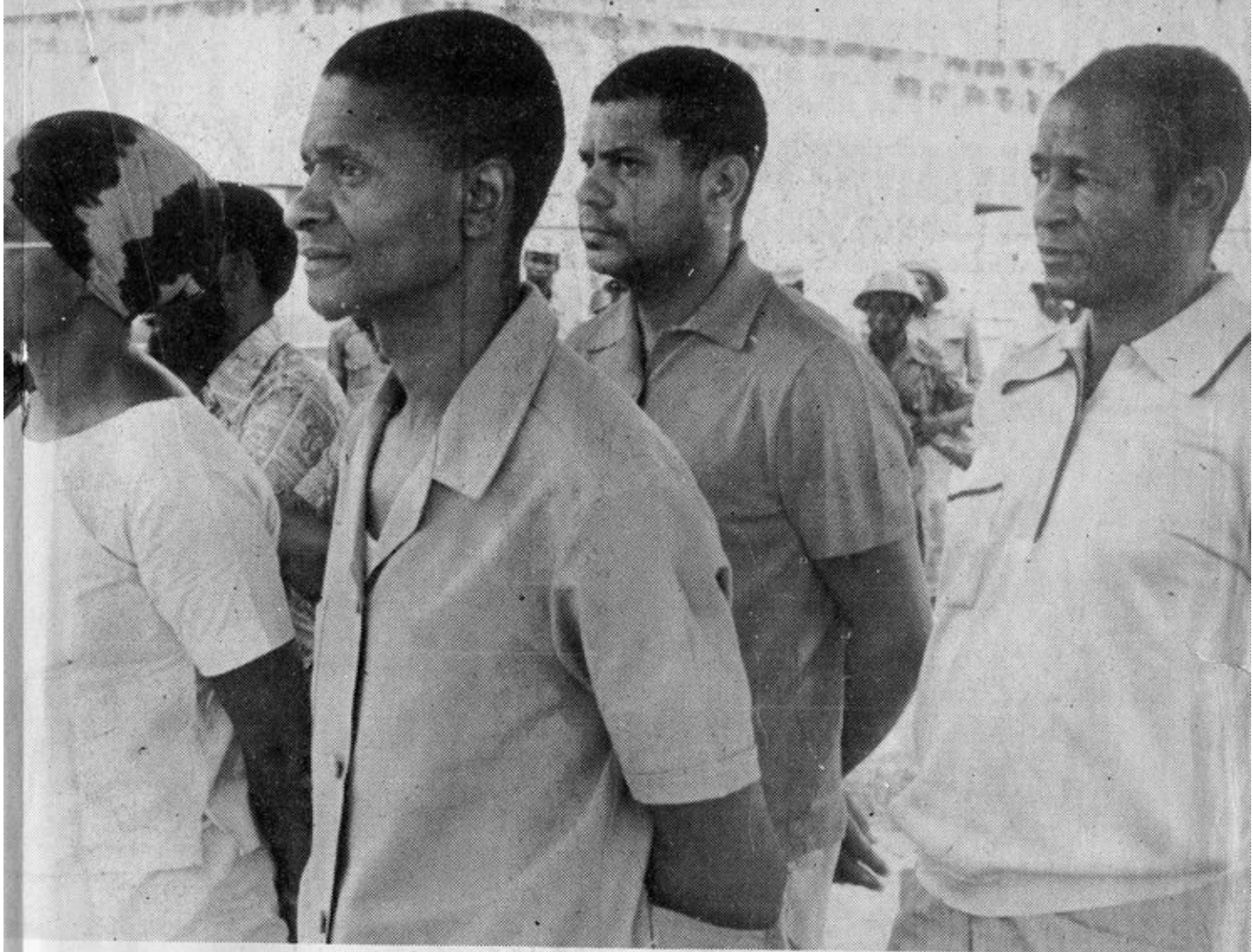


ENCONTRO

EM NACHINGWEA

AO LADO, A ESQUERDA:
*Kavandame, quando há um mês atrás
fazia a sua confissão em
Nachingwea.*

À DIREITA
*Verónica: implicada directa no assa-
ssino perpetrado pelos agentes do
imperialismo ao primeiro Presidente
da FRELIMO, camarada Eduardo
Mondlane*



Reaccionários, PIDES, agentes do inimigo e traidores do Povo.

Na fila da frente notam-se: Zita (1.ª a contar da esq.) era PIDE e matou o pai; Joana Simeão (a seguir a Zita) amiga do Rebelo de Sousa e do Caetano, representava os macuas, mas não representava a mulher moçambicana; paraquedista condecorado com medalhas e com uma tatuagem no peito representado a cabeça dos mortos, (4.ª a contar da esq.) era um assassino especializado em matar mulheres e crianças; Pedro Mondlane, (3.ª a contar da DIR.) era PIDE; O 2.ª a contar da direita fez-se passar por irmão do Presidente Samora, vigarizando várias pessoas em bastantes contos.

LIMO tivemos muitos inimigos, o Simango e o Kavandame, na Tanzânia, o Gumane, na Zâmbia. Mas nada conseguiram porque os nossos objectivos eram bem claros e verdadeiramente assumidos pelo povo da Zâmbia, Tanzânia e Moçambique.»

VERÓNICA:

«Admiramo-nos como os portugueses não a levaram para Portugal»

«Famosa mulher criminosa. A prova de que o inimigo não escolhe entre o

homem e a mulher. Admiramo-nos como os portugueses não a levaram para Portugal e a deixaram em Moçambique. Colaboradora da PIDE, que participou no assassinato do Presidente Mondlane.»

JANUÁRIO NAPULUA:

«Comandante da FRELIMO, que se rendeu aos portugueses em 1971 e trabalhou no Quartel-General de Nampula, dirigindo e apoiando muitas operações para atacar as nossas bases. Trabalhou com o Basilius Banda para a PIDE.»

MANUEL LUMUMBA:
«Permitiu que a bomba passasse de Mbeya para Dar-Es-Salam para o assassinio de Mondlane.»

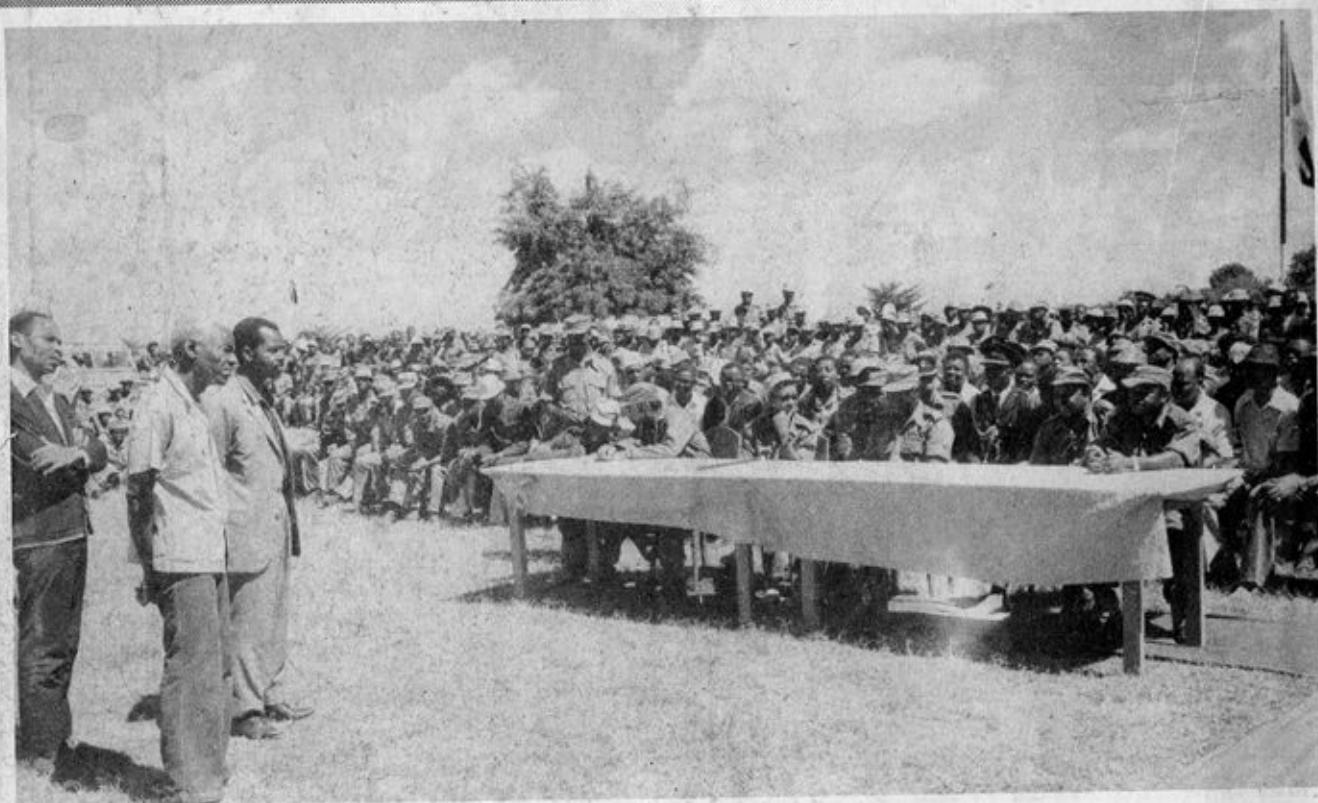
JOAQUIM NHAUNGA:
«Fugiu da FRELIMO em Cabo Delgado para os portugueses com as nossas armas. Trabalhou a partir daí com os portugueses no ataque a bases da FRELIMO, trabalhando ainda como agente da PIDE.»

NARCISO IMBITE: «Fundou um partido no Kenya para se opor à FRELIMO. Desde 1963 que se opõe à FRELIMO. Preso na Zâmbia fez-se de maluco e con-

seguiu baixar ao hospital dos malucos. Sai do hospital, faz-se membro da Coremo, fundando mais tarde a FUMO (Frente Unida de Moçambique) e pedindo sempre que o Governo da Tanzânia o apoiasse, bem como tentando junto do Comité de Libertação da OUA que o seu partido fosse reconhecido a partir de Nairobi...»

ADELINO GHAMBE:
«Fundador da FRELIMO por ser Presidente da UDENAMO, um dos três movimentos que se fundiram para formar a FRELIMO. Queria ser Presidente da FRELIMO. Era antagonista de

O IMPERIALISMO NÃO TEM POVO O COLONIALISMO NÃO TEM COR



Gumane, Kavandame e Simango quando eram apresentados no dia 12 de Maio às delegações da Zâmbia e Tanzânia chefiadas pelos Presidentes Kaunda e Nyerere

Mondlane, mas como no primeiro congresso não foi eleito saíu e recriou de novo a UDENAMO. Mais tarde funda a FUNIPAMO, depois o Partido Marxista-Leninista Segundo o Pensamento de Mao, depois a Coremo e a PAPOMO. Por último rendeu-se aos portugueses.

Prendemos, não matamos porque são inimigos políticos».

ESTUDANTES QUE TIRARAM CURSOS A CUSTA DO SANGUE DO POVO

BASILIU BANDAS: «Tinha a sua base em Dar-Es-Salam e foi preso pelo povo da Tanzânia em 1970 e entregue em Nachingwea.

Foi reeducado e mandado para a luta no interior, mas entregou-se ao exército colonial com as nossas armas. A partir daí serve os portugueses na condução às nossas bases, hospitais e escolas. Trabalhava no Quartel-General de Nampula. Depois do golpe de 25 de Abril formou também um partido financiado pelo Governo português e pelo exército colonial. Agente colonialista e ao mesmo tempo criminoso».

JUDAS ONWANA: «Representante da FRELIMO no Cairo. Tratou da ida do Simango para o Cairo. Fez declarações em Dar-Es-Salam para apoiar o Simango dizendo que a FRELIMO

não era uma organização revolucionária, que a FRELIMO era uma organização-instrumento do imperialismo. Prendêmo-lo».

UNHAI e MARQUEZA: «Estes estudantes fizeram declarações na Europa apoiando o Simango. Mandámo-los tirar cursos de planificação da educação, medicina (Unhai), direito internacional, agronomia (Marqueza). Tiraram os cursos à custa do sangue do povo moçambicano. Quando terminaram os seus cursos, porque eram agentes do Simango, foram para Lisboa e depois para Moçambique. Abriram os seus consultórios trabalhando com os co-

lonialistas a partir de 1973. Hoje estão aqui, são estes os agentes do colonialismo português, inimigos verdadeiros do nosso povo, inimigos da Revolução Africana, inimigos dos povos oprimidos».

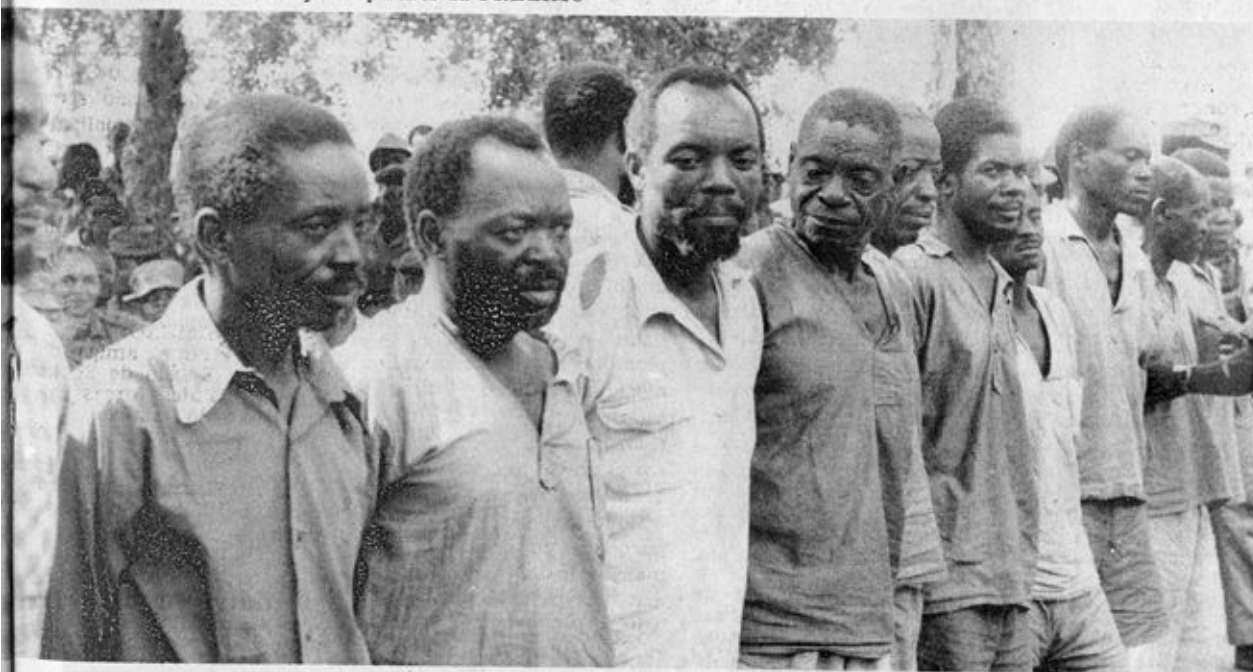
JOANA SIMEAO: «Presidente da Gumo, amiga de Caetano e Rebelo de Sousa e protegida das forças imperialistas do mundo».

ZITA: «Matou o pai para provar à PIDE a sua coragem».

PEDRO MONDLANE: «Agente da PIDE e de Spínola».



Traidores das Forças Populares da FRELIMO



ENCONTRO

EM NACHINGWEA



Camarada Julius Nyerere, quando discursava em Nachingwea. O Presidente Samora foi quem traduziu as palavras do Presidente Nyerere de Swailli para Português

VI

DISCURSO DO PRESIDENTE NYERERE APÓS A APRESENTAÇÃO DOS REACIONÁRIOS

Eu gostaria de repetir as palavras que foram proferidas pelo Presidente Kaunda. Desde que chegámos ontem, até hoje, aprendemos bastante e continuamos a aprender. E entre aquilo que nós aprendemos, aquilo que o Camarada Presidente Samora frisou (para nós e para vocês) que o imperialismo não tem cor, isto

é muito importante. O imperialismo não tem cor. A FRELIMO foi atacada bastante em matéria de raças. Os inimigos da FRELIMO quiseram dividir a FRELIMO sobre a raça; os inimigos quiseram utilizar a cor como se utiliza um amuleto. Estão aqui presentes. Diziam que a direcção da FRELIMO era má, porque utilizavam o português, diziam que eles é que eram bons porque não gostavam da cultura portuguesa. Eles gostavam da cultura preta, da cor preta.

Isto era uma forma de enganar o povo, de confundir o povo, porque o imperialismo não tem cor. Se ouvir alguém dizer que vo-

cê é bom porque a sua cor é preta e que você é mau porque a sua cor é branca, dizer isso é estupidez, não se pode identificar o bom e o mau através da cor, não se pode dizer que um indivíduo é mau por causa da cor, porque a cor não justifica nada. Todos aqui são pretos e a cor o que é que nos diz? O que é que nos diz a cor destes aqui presentes? Eles são pretos e vocês são também pretos. O que é que nos revela a cor destes indivíduos aqui? A cor da pessoa não significa nada, não diz absolutamente nada; o que diz é o comportamento da pessoa. O comportamento dele é de criminoso, o compor-

tamento do homem, da pessoa, é que define, é que justifica o que cada um é. A cor não define nada. Pessoas más e inimigos podem-se esconder sob a cor da pele, utilizando a cor. Utilizando a pele de cordeiro quando é leopardo.

A FRELIMO desde o início teve o seu princípio firme, nesta questão de cor: definir quem é o nosso amigo e quem é o nosso inimigo. Foi sempre uma questão decisiva, desde o início da FRELIMO. Esta é uma questão fundamental. É por isso que nós da TANU dizemos que devemos aprender com a FRELIMO

Os da TANU confundem



Foto para a história da luta de libertação africana contra a população. A Unidade de três Partidos, três Povos e três Países.

Da esquerda para a direita e em primeiro plano: Marcelino dos Santos, Vice-Presidente da FRELIMO; Julius Nyerer, Presidente da TANU e da Tanzânia; Kenneth Kaunda, Presidente da UNIP e da Zâmbia; Samora Machel, Presidente da FRELIMO e Rachid Kawawa, Primeiro-Ministro da Zâmbia. Em segundo plano: e da esquerda para a direita: um Membro do Governo da Zâmbia, Alberto Chipande, chefe da Comissão Militar Mista da FRELIMO, no Governo de Transição de Moçambique e Manávi, Chefe responsável do campo político-militar da FRELIMO em Nachingwea.

-se muitas das vezes, por causa da cor da pele, desde início e até agora continuam a confundir. Estão enganados, os da TANU. Na TANU dizem, olha eu sou preto, africano, preto. Perdem a visão global da questão, não olham o seu comportamento, pronto, ficam na cor da pele. Essa é uma questão decisiva e fundamental que a FRELIMO nos ensina.

A segunda questão: vocês aqui são soldados, sabem manejar a arma, há alguns que fazem da sua mão uma arma verdadeira e é muito difícil transformar a mão em arma. Eu fiquei satisfeito. Temos que aprender a utilizar a arma, mas não é fundamental. A arma não

é fundamental. É muito perigoso ensinar a utilização, o manejo da arma. Não podemos dizer que a FRELIMO tem um bom exército porque sabe manejar bem a arma. O manejo da arma é bom, mas não é suficiente. A PIDE aprendia a manejar bem a arma, o soldado de Vorster, na África do Sul, o soldado de Smith, na Rodésia, mesmo os agentes do inimigo sabem utilizar a arma. O fundamental para um soldado revolucionário é o seu espírito.

Entre vocês e estes aqui não há cor, não há arma, há o espírito revolucionário. Estes, o seu espírito é de hiena, não tem espírito humano, o seu espírito é de

animal. Aprendemos e continuamos a aprender de vocês, primeiro, porque vocês definem quem é o inimigo, quem é o nosso amigo, em segundo lugar definem claramente o significado do soldado revolucionário, porque a sua força decisiva não é a arma, mas sim o seu espírito humano, a sua consciência política. Estas são as duas definições fundamentais: a revolução continuará, a revolução africana vai-se desenvolver a partir de vós.

Vocês atravessaram grandes dificuldades, mas foi a partir dessas dificuldades que vocês aprenderam e será a partir de vós que nós aprenderemos.

A revolução africana ainda não acabou, precisa de verdadeiros revolucionários que saibam quem é o seu verdadeiro inimigo. O combatente revolucionário sabe qual é a sua arma fundamental e os membros militantes da FRELIMO conhecem bem esta questão. Da vossa experiência, a partir do vosso trabalho, nós, os da TANU, os da UNIP, ANC do Zimbabwe, continuaremos a desenvolver a revolução africana para que ela avance para o sul.

A luta continua!